



## **A Crônica de José Chagas:**

gênero de fronteira entre o jornalismo e a literatura<sup>1</sup>

Elziene Lobato FRANÇA<sup>2</sup>

Josenilma Aranha DANTAS<sup>3</sup>

Faculdade de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, São Luís, MA

### **RESUMO:**

No processo textual da crônica cabe uma incerteza em seu gênero por não ter definições firmes. Gênero híbrido e ambíguo, situado entre a história e a literatura, e entre a literatura e o jornalismo, a crônica é abordada na presente Comunicação como um texto fértil, e que embora tenha sido bem frequentado por muitos literatos e jornalistas brasileiros, atualmente, tem sido esquecido pelos jornais impressos. As análises de algumas crônicas políticas do escritor e poeta José Chagas, nas obras *As armas e os barões assassinalados* (2000) e *Da Arte de Falar Bem* (2004), apontam para um cronista hábil, porém, pouco estudado no ambiente acadêmico.

**Palavras-chave:** Crônica; Jornalismo; Literatura; José Chagas.

### **A genealogia da crônica**

No decorrer da vida de todo ser humano, inicia-se uma narração existencial, uma contação importante para todo e qualquer indivíduo da sociedade, a partir de uma ordem cronológica. E na necessidade de que os registros sociais perdurem à fugacidade da memória humana, houve uma evolução de resistência ao esquecimento mediante registros figurativos em cavernas, a escrita no papel, o texto impresso e os hipertextos na tela do computador, ou em dispositivos móveis.

A narração por meio da escrita é a principal forma que os povos da antiguidade encontraram para descrever o seu dia a dia. Assim, conhece-se através dos relatos dos povos antigos como era a vida das pessoas, em seu convívio social, que por meio de textos percussores à crônica registraram suas batalhas e vitórias. A crônica, em seu princípio, diz respeito às narrativas de fatos históricos registrados na ordem de sua sucessão. Nesse sentido, a raiz ilumina o conceito da mesma como cronologia dos fatos históricos e sociais, isto é, Chronikós, no grego, é relativo a tempo (chrônos).

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no IJ 01 – Jornalismo do XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 14 a 16 de junho de 2012.

<sup>2</sup> Bacharel em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo pela Faculdade de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas de São Luís. E-mail: elziene.lobato@hotmail.com

<sup>3</sup> Professora da Faculdade São Luís e orientadora do trabalho. Mestra em Teoria e Crítica Literária pela Universidade Estadual Paulista (UNESP). E-mail: joa.dantas@hotmail.com



A genealogia ou sucessão de gerações era um gênero literário nas culturas antigas, que pode ser relacionado à definição da crônica nos seus primórdios. No início da era cristã, suas ascendências localizam-se na história e na literatura. Vemos esse tipo de gênero principalmente nos livros bíblicos, onde eram descritas as gerações dos hebreus e de povos com dogmas religiosos fundamentados no judaísmo, que influenciaram o cristianismo e o islamismo atual. Eles usavam essas descrições como forma de exprimir a fé na presença da divindade nos meandros da história dos homens.

Em critério de texto que descreve e registra, a crônica começou como um diário de correspondência, acontecimentos úteis e de interesse às civilizações respectivas dos autores. Por isso, esse gênero faz parte da comunicação social, mesmo com sua despreensão ao informar e comunicar, sem preocupação pela forma literária, mas, ao mesmo tempo, ancora-se nela, e desnecessariamente os textos terão técnicas e arte em suas formações.

Os primeiros textos históricos são de acontecimentos, mesclando lendas e mitos com princípios da verificação e da fidelidade. Os navegantes da época mercantilista também contavam suas viagens e descobertas, por alto, através de crônicas que eram transmitidas aos que continuavam em terra.

Sobre a crônica histórica, afirma Melo (2002, p. 140).

A crônica histórica assume, portanto, o caráter de relato circunstanciando sobre feitos, cenários e personagens, a partir da observação do próprio narrador ou tomando como fonte de referência as informações coligidas junto a protagonistas ou testemunhas oculares. A intenção é explicitamente resgatar episódios da vida social para o uso da posteridade, impedindo, segundo Heródoto, “que as ações realizadas pelos homens se apaguem com o tempo”

Assim, compreende-se que esses relatos históricos, além de serem uma riqueza na literatura são uma forma pela qual o narrador – alguém que realmente vivenciou aquele cotidiano – transmite por meio de suas observações e convivências um pouco dos costumes e histórias às futuras gerações, fazendo com que a história se solidifique. E a crônica histórica é notoriamente fundamental para essa concretização, pois é através desse gênero que os fatos são descritos.

A construção brasileira de crônica como a conhecemos hoje, estabeleceu-se a partir da década de 1930, associada à imprensa nacional, ao modernismo e, por tabela,



às fortes influências das vanguardas européias. Em toda a área artística, houve grandes modificações, inclusive na literatura, atingindo o estilo da crônica.

A crônica começou com um espaço sutil nos jornais. Apareceu inicialmente no folhetim, *feuilleton*, na França, veículo de comunicação impresso, onde se publicava pequenas histórias sobre acontecimentos do dia ou da semana, servindo de contraponto às notícias graves que sobrepujavam os periódicos. A aceitação da novidade pelos eruditos brasileiros foi tanta, que os textos dos folhetins renderam debates e pautavam discussões, com alcance amplo. Quanto às diferenças, Flory (apud GOTTARDI 2007, p. 7) ao prefaciar o trabalho “A crônica na mídia impressa”, de Ana Maria Gottardi, explica:

A crônica partilha, de um lado, da matéria jornalística, pela sua inserção ao cotidiano, pelo seu estilo espontâneo e direto que dialoga com receptor, partilhado de acontecimentos do dia-a-dia; por outro lado, da matéria literária pelo lirismo, pela temática do eu, pelo enfoque pessoal e pela desestruturação da realidade.

Flory considera a crônica um texto literário de informação e também uma parte do jornalismo opinativo. Porém, em suas particularidades, a crônica tem uma construção intertextualizada, ou seja, um fato que pode lembrar comparar e metaforizar vários outros. Por isso, ela pode ser um texto rico e, assim, como o jornalismo, pode ser usada como material de pesquisa e apoio.

A crônica é, portanto, um gênero em cuja fronteira está o jornalismo, a história e a literatura. Envolve o jornalismo porque ele provém do conhecimento sobre o que é a investigação dos fatos e pela descrição deles por meio de notícias que tentam revelar uma “cópia fiel” do que é real. Tem uma estrutura literária por ser atemporal/universal e transversal aos documentos oficiais de registro histórico.

A adaptação da crônica no jornal é no sentido de que ela, uma vez publicada nos jornais, tem a mesma validade de tempo que os demais textos. Elas são encaixadas ao tempo diário ou semanal dos cadernos do jornal impresso. Mesmo que sejam semanalmente colocadas no veículo jornalístico, o jornalista/cronista precisa estar tão informado sobre os fatos que acontecem no mundo e, principalmente, na região em que o jornal se responsabiliza a informar.

De acordo com Simões (2009, p. 55), “o estudo da crônica na qualidade de texto literário esbarra, logo nas páginas iniciais de qualquer ensaio sobre o assunto, na controvérsia gerada por seu veículo de origem: O Jornal”. Ainda, segundo o autor, essa



caracterização proporciona diferenças entre o jornalista e o cronista, mesmo que esses dois profissionais trabalhem na mídia, em uma empresa que vende informações e que o trabalho de ambos seja o de construir textos fundamentados na rotina de acontecimentos rentes à sociedade, ao interesse público e globalizado. Se, de um lado o jornalista direciona seu texto para uma abordagem direta, ou seja, informa o fato segundo a informação e apura os fatos, do outro, o cronista busca um assunto social com base na notícia, para interpretar o comportamento segundo as suas motivações.

### **A Crônica:** gênero híbrido ou ambíguo?

Para que a crônica seja inserida no jornal, é necessário atentar aos gêneros que a circundam. Para Melo (2002), os gêneros jornalísticos são classificados em: informativo, que envolve simplesmente o ato de informar/relatar o fato ocorrido; e opinativo, que compreende a interpretação/compreensão do autor/jornalista sobre o fato noticioso.

Partindo desse princípio, pode-se inserir a crônica no jornalismo opinativo, tendo em vista que sua principal característica é humanizar a notícia, ou seja, o cronista/jornalista busca apreender do fato - não necessariamente noticiado - um enfoque comportamental da sociedade.

Para Melo (2002, p. 156), atualmente a crônica se configura como gênero eminentemente jornalístico e possui duas características fundamentais:

- 1) Fidelidade ao cotidiano, pela vinculação temática e analítica que mantém em relação ao que está ocorrendo, aqui e agora; pela captação dos estados emergentes da psicologia coletiva.
- 2) Crítica social, que corresponde a 'entrar fundo no significado dos atos e sentimentos do homem'. Diz Antônio Candido que essa tarefa o cronista realiza de modo dissimulado, pois ele mantém o 'ar despreocupado, de quem está falando coisas sem maior consequência'. Esse é um traço essencial da crônica moderna, que assume o ar de 'conversa fiada', de apreciação irônica dos acontecimentos [...]

Assim, pode-se enfatizar como características que envolvem a crônica, a ambiguidade, por uma imprecisão na definição do seu gênero; a brevidade, por se tratar de textos curtos, e a subjetividade, que é a característica mais marcante, pois envolve o ponto de vista, o juízo de ideias do autor/cronista.



A crônica, como a conhecemos, pode ser vista como gênero tipicamente brasileiro. Algumas formas que se aproximam do estilo de crônica brasileira tem o caráter informativo, associando os fatos noticiosos ao juízo do cronista. As informações dentro de um determinado tempo deixam de estar associadas ao cotidiano, poetiza cada fato descrito com uma narração literária, ou seja, a crônica para os jornalistas é uma forma de mostrar a subjetividade intrínseca às observações do fato cotidiano, que comumente é fato noticioso, de forma a fugir da determinação de veracidade que a notícia apresenta, e se tornar uma verdade imersa nas impressões pessoais do cronista. Por conta disso, surge uma grande discussão sobre em qual gênero à crônica realmente se encaixa.

Para se entender a crônica, é necessário pensar nela tanto como uma construção que se usa da literatura, por seu texto livre e por vezes atemporal, quanto do jornalismo, por se alimentar da informação provida de acontecimentos que a mídia faz quando torna o dizer em fato, e os anunciantes em fontes. Ela transita entre a literatura e o jornalismo, ora acompanhando os fatos no tempo presente, ora resgatando-os do passado pelas reminiscências do escritor. “Tem do jornal a concisão e a pressa da literatura, a magia e a poeticidade que recriam o cotidiano”. (ANDRADE, 2004, p.1 ).

Mouillaud e Porto (2002, p. 60-61) explicam:

As regras canônicas (ensinadas nas escolas de jornalismo, as célebres questões: quem, que, o que, onde, quando, e como?) nada mais são que a expressão em superfície de uma leitura da experiência que é codificada e arbitrária. O modelo é um modelo linear que interpreta toda e qualquer experiência como uma serie de transformações encadeadas umas as outras. A linearidade é o esquema dentro do qual a experiência é apreendida por ser comunicada: serve de suporte ao paradigma do “fato” cuja forma canônica é a transformação de um “estado”. “Fazer”, “ser”, “estar” são os verbos fundamentais que servem de matriz para todos os acontecimentos.

A leitura de experiência, dita por Mouillaud e Porto (2002), é a revelação de causas que finalizam o fato em si. Na possibilidade de existirem várias versões anunciadas de uma única realidade, o jornalismo trabalha com as experiências factuais que mais se assemelham e se aproximam do que realmente acontece. Uma vez apurado o acontecimento, ele será codificado no canal de comunicação, sendo por fim noticiado.

Fazendo um parâmetro, a crônica por mais que escreva sem necessariamente seguir a linearidade - que serve de suporte ao paradigma do fato - e sem dotar das regras



do lead, ela não existiria e nem sobreviveria sem esse acontecimento informado e codificado pelo jornalismo, e assim circulado como notícia.

Em suma, quem faz crônica não consulta fontes diretas de um acontecimento, não o torna em fato, não apura as reminiscências de possíveis realidades. Ele busca no trabalho jornalístico analisar o que já foi circulado, o que já foi registrado pela mídia. Nessa busca, sua mais evidente aparição é o resultado de análises do fato formado.

Ao analisar fatos, o cronista tem um papel importante que é possibilitar ao leitor uma oportunidade de dividir opiniões, de humanizar o relato sobre a sociedade, sobre o comportamento local ou global. Em outras palavras, o cronista, em seu texto, ampara o leitor, mesmo que o leitor vá de encontro às análises colocadas no texto, a fazer pontos de reflexões. E ainda instiga questionamentos sobre os fatos, e assim, possibilita ao leitor ser capaz de desenvolver argumentos críticos.

Passando por esse ponto importante, o texto leve, descompromissado, mas com efeito persuasivo, não diz diretamente o que acontece, mas reflete o efeito acontecimento/comportamento. A crônica é literatura vivida e misturada aos propósitos dos jornais. Em outras palavras, ela tem a sutileza e a interpretação de textos literários, ora focalizando o lirismo, dando atenção à temática do eu, ora enfatizando o conto (prosa) evidenciando o acontecimento. O instante também é apreendido na crônica literária, porque o momento presente remete a direções diferentes, construindo assim a identidade de cada um. Assim, o cronista necessita compor uma cronologia esclarecedora entre o homem e os seres e os objetos, ou seja, relatando as miudezas do “Eu” do ser humano, o cronista reafirma pontes para formas de conhecimento e convivência entre tudo.

Por se afirmar que a crônica é um texto literário dentro do jornal, ela alcança o estatuto de gênero híbrido. É importante mencionar que o jornalismo e a literatura sempre andaram entrelaçados, por ambos buscarem retratar a realidade com a linguagem escrita, sem deixar de dar as devidas proporções a cada um. Portanto, pode-se apontar que a crônica é um gênero jornalístico à medida que se utiliza da linguagem escrita para declarar notícias do dia a dia e extrapolá-las.

No olhar de Gottardi (2007, p. 15)

A ambiguidade da crônica é mais radical, não reside apenas na matéria, mas é marca do gênero em si mesmo: o enfoque pessoal, o



desapego da verossimilhança, o manuseio do material metafórico, o uso do humor, da ironia e da sátira desestruturam a realidade e multiplicam as leituras, distanciando-a da veracidade jornalística ou científica. Realmente a crônica sustenta-se pelo estilo, desenvolve-se em torno de muito pouco ou até mesmo, em torno do nada.

Pode-se inferir que a crônica não é um texto que o leitor sinta obrigação de ler pelo seu tema, como se evidencia na leitura da notícia, mas que ele sente o prazer de ler por conta de seu caráter criativo, artístico, ao ponto de realmente apontar o seu valor a partir de uma apreciação estética ou crítica.

Em suma, o cronista quer transmitir o que foi despertado nele ao presenciar o fato e quer levá-lo ao leitor que anseia por um relato mais humano da realidade que o cerca. Enquanto a reportagem aborda a vivência do jornalista com o fato, a crônica transmite a reação pessoal do narrador-repórter (cronista)

Para Sá (1985, apud ANDRADE, 2004, p. 56):

O fato, os personagens, e a preocupação estética revelada na estruturação do texto se associam para que o resultado final alcance a empatia do leitor. Uma empatia que significa cumplicidade entre quem escreve e quem lê, mas também a elaboração de uma linguagem que traduza, para o leitor, as muitas linguagens cifradas do mundo. Portanto a função da crônica é aprofundar a notícia e de flagrar uma profunda visão das relações entre o fato e as pessoas, entre cada um de nós e o mundo em que vivemos e morremos, tornando a existência mais gratificante.

Atualmente, nota-se que apesar da imagem disseminada da crônica no Brasil, por ser um texto acessível, leve e permeado por humor, o espaço que lhe é oferecido não condiz com sua importância, “parece que a crônica ficou ainda mais inútil do que era, digamos, há trinta ou cinquenta anos” (CASTRO; GALENO, 2005, p. 155).

Notamos que o meio midiático que mais admite a crônica em seu espaço é o eletrônico, no ambiente web, devido à liberdade na escolha do tema, e até mesmo na forma e estilo do autor se expressar. Notamos isso nos blogs pessoais, em que os donos expressam sua opinião a respeito de diversos assuntos desvinculados das obrigações editoriais do veículo a que pertencem, pois só quando o blog é veiculado a alguma empresa de comunicação é que percebemos algumas restrições.

Enquanto que no veículo impresso (jornais e revistas) os temas estão relacionados às notícias densas do dia a dia, ocupando o espaço de um texto opinativo,



por exemplo, funciona como uma evasão ao tecnicismo e aos mitos da neutralidade e objetividade presentes no fazer jornalístico, por ter que seguir a linha editorializada do veículo em que está inserida. No meio radiofônico, a presença da crônica também é insuficiente, por tratar-se de texto redigido para jornais impressos, que só são ambientados com recursos de sonoplastia para sensibilizar o ouvinte.

Mas é necessário ressaltar que há uma diversidade de textos publicados em jornais e revistas que são denominadas de crônicas (esportivas, políticas, por exemplo). Por isso é necessário fazer distinções, já que provavelmente esse tipo de texto está mais próximo ao jornalismo opinativo e/ou interpretativo, por tratar no geral de uma temática específica, do que de um tema subjetivo, como é o caso da crônica.

Na visão de Sá (1985 apud ANDRADE 2002), a construção da crônica se prende à urgência do cotidiano de uma redação, à medida que o cronista, como o jornalista, tem prazos para realizá-la. Logo, mesmo que a crônica assuma um caráter de urgência quando difundida em veículo jornalístico, o seu lado literário e crítico deve sobressair-se, mantendo-a em um patamar diferente do jornal diário propriamente dito, pois a mesma pode perdurar por mais tempo.

### **José Chagas e a sua opção por um gênero inclassificável**

José Francisco das Chagas é poeta, cronista e jornalista, mesmo não tendo assumido o jornalismo como profissão. Nascido em 29 de outubro de 1924, em Piancó (em área hoje pertencente ao município de Santana dos Garrotes), na Paraíba, Chagas migrou para o Maranhão, em 1946, com a família, trabalhadores da lavoura que fugiam da seca.

Em São Luís, José Chagas trabalhou como funcionário da Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE), do Departamento de Assuntos Culturais, da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), onde se aposentou aos 70 anos. Chegou a ser vereador e serviu como diretor da Secretaria-Geral na Câmara Municipal de São Luís.

Chagas é o mais antigo cronista vivo de São Luís, com mais de duas mil crônicas, parte dessas, reunidas nos livros *Pedra de Assunto* (1961), *As armas e os barões assassinalados* (2000) e *Da Arte de Falar Bem* (2004). Membro da Academia





Maranhense de Letras desde 1975, o escritor ocupa a Cadeira Nº 28, patroneada pelo Visconde Vieira da Silva.

Se, em seus poemas, é recorrente o recurso da metalinguagem como exercício para pensar o seu fazer poético, na crônica, Chagas não reflete sobre a sua atuação nos campos do jornalismo e da literatura. Faz isso apenas quando solicitado em entrevista, por exemplo, como a realizada pelas autoras.

A crônica não tem classificação. Pode ser feita de qualquer maneira. Sem assunto, com assunto, enfim. A crônica é a única obra que não tem classificação. Pode parecer um conto, um poema, um ensaio, um discurso, uma peça teatral e nada disso são crônicas. O cronista faz da crônica o que bem entende. Ela se diferencia do jornalismo exatamente por isso, você sente mais emoção (Informação Verbal)<sup>4</sup>.

Sobre o discurso poético, o prosador acrescenta: “A literatura fica lutando com as duas coisas, quando é simplesmente prosa; predomina o raciocínio. Quando é simplesmente poesia; predomina a emoção”.

Para Chagas, as mudanças não aparecem apenas nas crônicas, mas no jornalismo também. “O jornalismo não é só jornal. Hoje o jornalismo está entrosado com a internet, com a televisão”. É nesse contexto que o cronista discute sobre a atual comparação da crônica escrita para o jornal e dos textos escritos por jornalistas em blogs. Ele analisa que na internet não se escreve da mesma forma que se escrevia no impresso há 30 anos. “Hoje quando sai no jornal impresso, todo mundo já tá sabendo pela internet e pela televisão”. O escrito vai mais longe sobre os aparatos tecnológicos na leitura quando os culpa pela perda do hábito de ler nos jovens. Mas, sem se aprofundar nessa questão das novas formas de se fazer jornalismo, Chagas diz que “a crônica é a prima pobre da literatura”. Aponta para o que ele considera de “crise da crônica”.

Os cronistas não se destacam. Humberto de Campos foi um dos cronistas mais lidos do Brasil. Quem é que lê Humberto de Campos hoje? Machado de Assis era um grande cronista, mas como foi também um grande romancista, só se fala nele como romancista. Entre outros exemplos estão José de Alencar, Olavo Bilac. Isso significa a pouca duração da crônica. (Informação Verbal)<sup>5</sup>

## **A crônica de José Chagas**

---

<sup>4</sup> Entrevista concedida por José Chagas para Elziene França e Luciene Santos em 11 de maio de 2011.

<sup>5</sup> Entrevista concedida por José Chagas para Elziene França e Luciene Santos em 11 de maio de 2011.

As crônicas de José Chagas cuja temática é a política no Maranhão ou no Brasil, vão além do factual e criticam o modo de fazer política. A crônica, nesse sentido, fixa-se, assim, como o sistema perpétuo. Não são apenas fatos, mas a origem dos fatos, sistemas implantados no cenário político do Estado, que não buscam soluções para as arbitrariedades cometidas à população.

*As Armas e os Barões Assassinalados* (2000) e *Da arte de falar bem* (2004) são os dois livros de crônicas de José Chagas a que faremos referências na presente análise. O primeiro foi escrito na década de 90, e faz referências, pelo menos uma parte considerável, ao governo de Fernando Henrique Cardoso, enquanto o segundo é formado por crônicas de temáticas diversas publicadas no jornal O Estado do Maranhão. O Professor da Universidade Federal do Maranhão (Ufma), Sebastião Moreira Duarte, no prefácio do livro *Da Arte de Falar Bem*, diz que “o título foi escolhido em simetria, e por oposição, a outra, de Carlos Heitor Cony, *Da Arte de Falar Mal*, publicado na década de 60, pela Civilização Brasileira”.

Chagas adota um estilo próprio de escrever crônica, como é de se esperar de qualquer autor do gênero. Em geral, suas crônicas são em primeira pessoa e o uso de expressões como “*Eu entendo que*”, mostra como o cronista constrói suas opiniões indignadas, muitas vezes opostas e desatentas a uma elaboração argumentativa e lógica no texto. Essa valorização do que é subjetivo é percebida, também, quando os seus personagens, objeto de sua análise, são expostos e descritos a partir da sua subjetividade. É assim em *A Corrupção e Seus Dogmas* (*Armas e Barões Assassinalados*), quando em 94 o presidente da República Fernando Henrique Cardoso se mostra disposto a quebrar o sigilo bancário para combater a corrupção no País. Chagas deixa a entender que a disposição do presidente é duvidosa:

Sabendo-se que o Presidente não é lá muito dado a coisas da religião, fica evidente que ele age como um sigilista de outro porte, embora, pensando bem, nada haja mais sagrado, em nosso país, do que o sigilo bancário, que, na opinião de alguns, é fator imprescindível à religião dos corruptos. [...] havendo até corrupto que se diz ajudado por Deus, pode-se admitir que a corrupção chega ao extremo de assumir certo caráter religioso. (CHAGAS, 2000, p.31-33)

Chagas faz uma descrição interessante da eficiência do corrupto. “Um corrupto que se deixa pegar, não é um corrupto que se preza. O corrupto autêntico passa para o plano do inatingível”. A partir desse ponto, a descrição dos detalhes como uma



forma poética de dar ênfase à sua crítica e a metáfora sem originalidade, são características recorrentes da sua narrativa cronística. Ainda sobre o corrupto, Chagas conclui: “Sem prova documental (o corrupto), ele é só espírito, não é matéria. Escapa.”

Em *Da Arte de Falar bem*, apesar de apresentar crônicas em que Chagas faz críticas ao comportamento do ex-presidente Fernando Henrique Cardoso, isso não pode ser entendido como exclusivo devido à personalidade do governista, pois é característica das crônicas do autor falar do comportamento e da personalidade de figuras da política brasileira.

*Governador-candidato* é uma crônica escrita no ano da primeira candidatura de José Sarney, em 1965, Chagas critica o fato do novo governador ainda criticar a administração passada como se ainda fosse um candidato ou como se o período de campanha não tivesse cessado.

Em qualquer que seja o pronunciamento, mal o governador começa a falar, o candidato interfere, com aquela impetuosidade cabível apenas em campanhas eleitorais. [...] Passada a fase da campanha, em que é, de algum modo, compreensível que se negue todas as qualidades do adversário, vem a serenidade dos ânimos, arrefecem-se as paixões, e o povo passa do plano das expectativas apresentadas para o da concretização de seus ideais, quando só então começa a comparar o que foi com o que está sendo feito. (CHAGAS, 2004, p.36-39)

As crônicas de Chagas eram veiculadas no jornal O Estado do Maranhão, do grupo Mirante, organização familiar cujo patriarca é o próprio José Sarney, e mostram características de texto para jornal que são as críticas sociais e presentificação do cotidiano, destacadas por Melo (2002) como fundamentais.

Outro ponto importante, de acordo com a repercussão do trabalho de Chagas, é a recepção desses textos, tendo em vista que ele era personalidade cronista com destaque e apreço tanto entre os jornalistas de O Estado do Maranhão, quanto dos leitores de seus textos.

Em *Saída do Labirinto* (Da Arte de Falar Bem), Chagas relata que o jornal O Estado do Maranhão publicou uma matéria informando o seu estado de saúde grave, enquanto o escritor era vítima, naquela ocasião, de uma labirintite já medicada. Devido aos leitores e até pessoas próximas a Chagas a notícia repercutiu, ao ponto do cronista escrever: “Mesmo que não haja fato, dê a notícia, porque o fato vem depois. Não é ele



que faz a notícia. A notícia é que o provoca” (p.28). Chagas disse ainda na crônica que se ele tivesse lido a matéria, ele mesmo teria acreditado nela.

Outro ponto a ser destacado nas crônicas de Chagas é a temporalidade, em que observamos que, apesar de basear-se em fatos das décadas escolhidas (80 e 90), ele contextualiza – geralmente permeado por ironia - assuntos que continuam sendo abordados até hoje, principalmente na área política. Em *E se os Ladrões Salvassem o País?* (As armas e os barões assassinalados, 2000, p. 59), ele aborda a fraude na Secretaria de Saúde e possivelmente na educação, citando como solução para este problema a devolução do dinheiro roubado, nessas fraudes, pelos políticos corruptos. Tratando esse tipo de notícia como rotineira.

Nada mais irritante do que noticia sobre fraudes, dadas com certa estranheza, num esforço de fazer crer aos leitores que se trata de acontecimento raro ou descoberta de algo que causa espanto e admiração. E aquilo de que todos já têm conhecimento os noticiários repetem insistentemente, porque imaginam talvez que o povo não quer acreditar. (CHAGAS, 2000, p. 59)

Nota-se, também, que na elaboração de suas crônicas, Chagas comumente faz citações dos jornais de onde tirou a notícia principal para sua interpretação, e ainda de explicações que acha conveniente ressaltar. Podendo, assim, aproximar suas crônicas de uma reportagem.

Assim, o poeta José Chagas dá lugar a um prosador tão competente quanto o poeta, quando se põe a prostrar com seus leitores.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, Maria Lucia. O gênero crônica e a prática escolar. **Filologia e Linguística Portuguesa**, São Paulo, v. 6, p. 267-279, 2004

CASTRO, Gustavo de; GALENO, Alex. **Jornalismo e literatura: a sedução da palavra**. 2. ed. São Paulo: Escrituras, 2005.

CHAGAS, José. **As armas e os barões assassinalados**. São Luís: Sotaque Norte, 2000.

\_\_\_\_\_. **Da Arte de Falar Bem**. São Luís: Instituto Geia, 2004.

\_\_\_\_\_. **Pedra de Assunto**. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1961.

\_\_\_\_\_. **A crônica de Chagas**. Elziene França. Luciene Santos. São Luís, 2011. Entrevista concedida mediante gravação de suporte digital.



GOTTARDI, Ana Maria. **A crônica na mídia impressa**. São Paulo: Arte e Ciência, 2007.

LIMA, Félix Alberto, SANTOS NETO, Manoel Santos. **Chagas em Pessoa**. São Luís: Fundação Municipal de Cultura, 2006.

MELO, José Marques de. A crônica. In: **Jornalismo e literatura**: a sedução da palavra. São Paulo: Escrituras, 2002.

MOUILLAUD, Maurice; Porto, Sergio. **O Jornal**: da forma ao sentido. São Paulo: Nacional, 2002.

SIMÕES, A. F. A evolução da crônica como gênero nacional. **Estação Literária**, v. 4, p. 49, 2009.